

A CANÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM MUSICOTERAPIA: HISTÓRIA DE MULHERES EM SOFRIMENTO PSÍQUICO

Andressa Arndt⁷, Sheila Volpi⁸

Página | 27

Resumo

Este trabalho apresenta reflexões a partir de uma pesquisa desenvolvida nas áreas da Musicoterapia e da Saúde Mental. O foco central do estudo foi investigar a utilização da técnica de recriação musical - canção - como possibilidade de mulheres construir sentido para suas vidas narrando-as por meio das canções. A pesquisa, de abordagem qualitativa, desenvolveu-se em duas instituições psiquiátricas, contando com uma equipe de duas musicoterapeutas e dois alunos do curso de graduação em Musicoterapia. O material coletado provém dos atendimentos musicoterapêuticos desenvolvidos ao longo de um ano. Esse material foi gravado em áudio e transcrito para análise. Os resultados mostraram-se positivos quanto ao objetivo proposto, apontando para o potencial da canção, num contexto musicoterapêutico, de auxiliar no resgate da história de vida, na expressão de conteúdos e na construção de sentido e resignificação para mulheres que se encontravam em profundo sofrimento psíquico.

Palavras-Chave: musicoterapia, saúde mental, mulheres, canção.

Abstract

This paper presents reflections from a research carried out in the fields of Music Therapy and Mental Health. The central focus of the research aimed to investigate the use of the technique Musical Re-creation - Song - as a possibility for women to construct meaning in their lives narrating them through the songs. The research, a qualitative approach was developed in two psychiatric institutions, with a team of two music therapists and two students of Music Therapy. The material was collected in sessions of Music Therapy during one year. This material was recorded in audio and transcribed for analysis. The results were positive about the proposed objective, pointing to the potential of the song, in a Music Therapy context, to assist in rescuing the history of life, in the expression of content and in the construction of meaning and new meaning for women who were in deep psychological distress.

Keywords: music therapy, mental health, women, song.

⁷ Musicoterapeuta. Especialista em Formação Pedagógica do Professor Universitário pela PUCPR. Professora Colaboradora no Curso de Graduação em Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. Email: andressa_1708@yahoo.com.br

⁸ Musicoterapeuta. Mestre em Educação pela PUCPR. Formação em Psicodrama Pedagógico. Professora e Supervisora no Curso de Graduação em Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná. Email: sheilavolpi@gmail.com

Introdução

Este artigo é o resultado de reflexões advindas de uma pesquisa realizada ao longo de dois anos e meio, vinculada a um Grupo de Pesquisa, registrada no CNPq e com aprovação em Comitê de Ética. O trabalho centrou-se no uso da técnica da recriação musical, especificamente no trabalho com canções. A pesquisa de campo foi desenvolvida com mulheres em sofrimento psíquico assistidas em tempo integral. Os atendimentos foram desenvolvidos por duas musicoterapeutas paralelamente em duas instituições distintas, pelo período de um ano. O objetivo da pesquisa foi investigar a utilização da técnica de recriação musical - canção - como possibilidade de mulheres construírem sentido em sua história de vida, narrando-as por meio da música, das canções, da palavra cantada e falada. A abordagem foi qualitativa e a proposta metodológica de pesquisa-intervenção. O registro do material ocorreu por meio de gravações em áudio, anotações em diário de campo, dados obtidos em prontuários e com a equipe terapêutica.

O sofrimento psíquico de mulheres em internamento integral, que foram atendidas em musicoterapia neste período da pesquisa de campo, foi o que impulsionou a construção deste artigo. O modo pelo qual suas histórias de vida foram sendo *musicadas* e elaboradas possibilitou uma importante experiência da prática musicoterapêutica com a utilização da canção como técnica.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida em duas instituições psiquiátricas da cidade de Curitiba, em unidades integrais que acolhem mulheres em sofrimento psíquico. Contou com a participação de duas musicoterapeutas e dois estagiários. O material foi coletado durante um ano, em atendimentos de musicoterapia, na modalidade individual e grupal. Todos os atendimentos foram gravados em áudio MP3 e depois transcritos. O público-alvo⁹ da pesquisa foi composto somente por participantes do gênero feminino, não sendo relevante a faixa etária. O único pré-requisito foi estarem internadas na unidade de atenção integral das instituições onde a pesquisa se

⁹ O projeto foi aprovado por Comitê de Ética, tendo o n.º da Folha de Rosto, do CONEP, 251999 e n.º de registro no CEP 0002.0.087.000-09. As participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

desenvolveu e aceitarem participar da mesma. A faixa etária encontrada nas instituições variou entre 18 e 65 anos.

A clientela atendida apresentou diferentes níveis socioeconômicos. Assim sendo, o Hospital A prestava somente atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e o Hospital B por convênios e particular.

As principais patologias encontradas em ambas as instituições foram: transtorno afetivo bipolar (TAB); TAB episódio misto; TAB episódio depressivo com tentativa de suicídio; TAB episódio maníaco; TAB episódio depressivo com sintomas psicóticos; depressão; psicose não especificada; TAB com sintomas psicóticos, TAB episódio maníaco com sintomas psicóticos; depressão com sintomas psicóticos, TAB episódio depressivo grave com sintomas psicóticos; esquizofrenia; TAB cicladora; TAB episódio maníaco e dependência química; transtorno de personalidade; depressão grave; anorexia, depressão e síndrome do pânico; transtorno de personalidade *borderline*. No Hospital B o índice de pacientes com esquizofrenia e sintomas psicóticos foi significativamente menor do que o apresentado no Hospital A.

A proposta da pesquisa foi investigar os processos implicados na relação história de vida-canção-sentido de vida, contribuindo para o corpo teórico da musicoterapia e proporcionando às pessoas atendidas durante o desenvolvimento da pesquisa, um alívio para o sofrimento.

A Musicoterapia e Saúde Mental

A musicoterapia entra na caminhada da saúde mental em busca de um novo olhar, um olhar voltado para o sujeito e sua reintegração e ressocialização. A experiência musicoterapêutica narrada nesse artigo está inserida no contexto hospitalar com pessoas internadas em tratamento integral. A prática musicoterapêutica pautou-se nos objetivos propostos pela Reforma Psiquiátrica, que entende que o sujeito deve participar de um processo que o auxilie no resgate de si e em suas relações interpessoais durante um momento de sofrimento intenso.

O que se espera da Reforma Psiquiátrica é o resgate ou o estabelecimento da cidadania do doente mental, o respeito a sua singularidade e subjetividade, tornando-o sujeito de seu próprio tratamento sem a ideia de cura como o único horizonte. Espera-se assim, a autonomia e a reintegração do sujeito, à família e à sociedade (GONÇALVES; SENA, 2001, p. 51).

Contudo, entende-se que,

A ideia de reabilitação ou “reintegração” não deve ser entendida como uma adaptação do doente mental a um determinado padrão de normalidade, mas sim como “reintegrar-se a si próprio e à rede intersubjetiva”, possibilitando ao sujeito o sentimento de “estar mundo” (GONÇALVES; SENA, 2001, p. 53).

Página | 30

A Reforma Psiquiátrica convoca a uma prática na qual se trabalhe com o sujeito sem restringi-lo de seu contexto social, familiar, cultural. Pelo contrário, compreende que o sujeito necessita ampliar seus recursos para trabalhar justamente com sua realidade. Para tanto, necessita-se de um forte investimento no resgate de sua identidade com propostas e conduções terapêuticas, que contribuam para o encontro do sujeito com seus próprios desejos e no reconhecimento de suas produções subjetivas. Um trabalho focado no pertencimento do sujeito a ele próprio, aquilo que lhe pertence, que lhe é - a sua própria vida - reintegrando assim seus sonhos; seus desejos; seus delírios; as vozes que lhe perseguem; suas histórias e sua história musical.

Com a implantação de novos serviços em Saúde Mental foram também ampliadas as possibilidades de atuação da musicoterapia, bem como, seus objetivos. A musicoterapia encontra-se inserida em serviços como Hospital Dia e Centros de Atenção Psicossocial – CAPs. Nestes, encontra-se uma parcela da população que pretende se manter em tratamento para manutenção de sua saúde emocional, na qual o objetivo primário é a ressocialização. Nesse contexto, a musicoterapia trabalha com uma clientela que já está reinserida socialmente e que se confronta diariamente com situações pontuadas e idealizadas pela Reforma, mas que ainda não se consolidaram na prática.

O sujeito ainda se depara com o preconceito (algumas vezes, dele próprio), as incertezas e dependência de seu diagnóstico diante de um sistema de saúde que muitas vezes não o favorece em sua retomada de funções sociais.

Diferente da clientela do CAPs, as mulheres atendidas nessa pesquisa se traduziram em portadoras de sofrimento psíquico intenso e que desse modo necessitaram de um acolhimento igualmente intenso. O sofrimento psíquico tem suas manifestações peculiares, contribuindo para a diversidade de perfis de mulheres que foram atendidas, ampliando assim a leitura das experiências musicais vivenciadas.

Diferentes mulheres, com diferentes olhares, com músicas diversificadas, com percepções e emoções diferentes e ao mesmo tempo compartilhadas. Muitas delas em episódios depressivos, maníacos ou com sintomas psicóticos.

O acompanhamento da musicoterapia ao sofrimento psíquico não pretende, como adverte Garrote (2008, s/p), ser a “impossível tarefa da ‘adaptação’ do psicótico às expectativas de ordem social; ou [...] a ‘erradicação’ dos sintomas, ou do sofrimento” e sim, deseja possibilitar as restaurações nas relações daquele que sofre, em um processo de resgate de si por meio de uma experiência criativa.

História de Vida

Em Werneck (2003, *apud* Viggiano s/d, p. 4) “um homem é definido pela memória, por sua história, seu nome, suas origens e que todo ser humano carrega sua história de vida, e que esta são “relatos orais, autobiografias, entrevistas em profundidade e outros documentos orais ou testemunhos escritos” (MENEHEL, 2007, p. 118), e aqui acrescentamos a *forma cantada*. Um das funções do canto pode ser o de resgate, que remete a situações já vividas, possibilitando o resgate de um momento passado (MILLECCO, MILLECCO; BRANDÃO, 2011), por vezes resignificando-o, reelaborando-o ou simplesmente revivenciando-o no presente.


No decorrer de nossas experiências utilizando a canção no contexto da Musicoterapia, observamos empiricamente, que o resgate de registros autobiográficos, ou seja, as regressões ontogenéticas – aos mais diversos níveis do desenvolvimento humano – provocadas pela experiência musical apresentam-se, muitas vezes, de forma muito sutil, apesar de serem tão intensas e reestruturantes quanto a outras formas de terapias regressivas.

A respeito desses registros autobiográficos, Damásio (2000 *apud* SÁ, 2007b, p. 9) afirma que “não sabemos como eles vêm a ser armazenados, em que grau, com que força, profundidade ou superficialidade”. E continua, “também ignoramos como os conteúdos se inter-relacionam na forma de memórias e como são classificados e reorganizados no manancial da memória, como se estabelecem os encadeamentos entre memórias...”.

Damásio (2000 *apud* SÁ, 2007) explica que certos conjuntos de memórias autobiográficas são reativados a cada momento, de maneira simples e consistente.

Essas memórias nos fornecem “fatos de nossa identidade física, mental e demográfica” (p. 9), fatos de onde estávamos recentemente (passado, proveniência recente) e o que temos a fazer nos próximos minutos, horas e dias (futuro imediato tencionado). Entretanto, diz ele, certos conteúdos da memória autobiográfica continuam submersos por longos períodos podendo, assim, permanecer para sempre.

Contudo, entendemos que em um trabalho musicoterapêutico, a música, em especial a canção, pode acessar esses conteúdos que estavam submersos. A música faz parte e é percebida, sim, a partir de um arcabouço conceitual próprio (nossas experiências individuais), sociocultural (grupo social em que estamos inseridos) e universal/arquetípico (BARCELLOS; SANTOS, 1996). Tomando por base este referencial, a música aparece não como um objeto externo ao homem, mas algo que faz parte dele, da sua própria história. A música emerge “do” e “para” o mundo.



[...] a narrativa possibilitada pela música ou a narrativa musical pode facilitar a produção de sentido; a expressão narrativa pode minorar o sofrimento tanto físico quanto psíquico; a narrativa através da música pode ajudar o paciente a atenuar a realidade; e, por fim, a interação musical entre terapeuta e paciente pode levar este último à compreensão de aspectos necessários para minorar seus sofrimentos, sejam da ordem que forem. Assim, poder-se-ia concluir que a narrativa musical pode facilitar a expressão de conteúdos e sentimentos de um paciente, produzindo significados, levando-o ao alívio de tensões provocadas pelos mais diferentes tipos de sofrimentos. (BARCELLOS, 2009, p. 120).

A experiência com a música, segundo Sá (2007, s/p) nos proporciona “viver intensamente o presente, ela também nos faz resgatar o passado e projetarmo-nos no futuro; ela nos auxilia a contrair o tempo – presente, passado e futuro – a partir de uma noção de coexistência temporal, transgredindo, transmutando, transformando [...]”.

Isto se dá quando se vasculha sua própria história em busca de vestígios musicais que lhe causaram marcas; quando se expressa no desejo de escolher canções que inconscientemente foram sendo lembradas; ao escolher um instrumento musical, uma tonalidade, um andamento, o sujeito passa a se colocar nessa produção e suas questões subjetivas são traduzidas por meio da estrutura musical que ali se compõe.

Algumas das mulheres atendidas apresentavam sintomas psicóticos, sua capacidade simbólica encontrava-se comprometida. Todavia, durante as sessões de musicoterapia, observamos que o trabalho com elementos concretos da música

(altura, intensidade, timbre, instrumentos musicais) possibilitou que as pacientes fizessem uso desses recursos para comunicar conteúdos que, a despeito de seu quadro psicótico, puderam expressar o sentido do conteúdo das letras das canções durante o processo de *musicar* sua história de vida.

Durante o internamento o paciente necessita de uma condução terapêutica que possibilite o resgate de si, entendendo que o contexto familiar e social somado à sintomatologia pode distanciá-lo de sua identidade; sua voz pode, por vezes, ser silenciada pelo sofrimento.

A experiência musical possibilita ao sujeito o acesso a sua identidade, sua musicalidade, suas relações.

Recriação Musical – Canção

Alguns estudiosos, entre eles o musicoterapeuta Diego Schapira (2007), acreditam que as pessoas constroem uma dimensão sonora chamada música interna. Esta é sentida e percebida pela audição interna como um fundo emocional que ressoa por trás da estrutura dos pensamentos. A música interna está presente no núcleo da psique, sendo então a musicalidade um elemento inerente ao ser humano.


Considerando a musicalidade como algo constitutivo do homem, Queiroz (2003) propõe que a experiência musical envolve a relação e percepção do sujeito a respeito da realidade do mundo. Assim sendo, entende-se que a produção sonora musical manifestada nas experiências musicais revela o sujeito, mostra muito como ele está no mundo, fala de sua estruturação psíquica, até os limites de sua música interna.

A prática da musicoterapia aqui descrita explora uma das experiências musicais propostas por Bruscia (2000), a recriação musical. Durante as sessões de musicoterapia, ao escolher as canções a serem trabalhadas, as mulheres que foram atendidas se apropriaram das canções para significarem seu momento. Pensar na recriação como uma experiência musical, sugere que há um processo criativo efetivamente envolvido. Ao recriar uma canção esta passa a ser de quem a executa, dominada por seu modo de interpretação, suas emoções e seus conteúdos subjetivos expressos na letra da canção e na construção de sentidos. Neste trabalho, privilegiou-se que o sentido fosse atribuído pela própria pessoa que escolheu a canção, sem interferência ou interpretação das musicoterapeutas.

A recriação musical pode ser considerada distinta da reprodução musical. A experiência de recriação envolve aspectos de implicação emocional diferente de uma *reprodução* que pode vir de modo autômato em uma postura que pode ser indiferente ou mesmo objetalizada. “Na prática clínica, o cliente não apenas reproduz a canção, mas apropria-se dela, ou seja, a canção passa a ter um significado próprio quando ali re-criada” (SÁ, 2006, p. 2).

A recriação privilegia o sujeito da ação, oferece um lugar para a expressão do desejo em um processo de resgate de si. Cabe ao musicoterapeuta ajudar o sujeito a apropriar-se da canção e torná-la sua no momento em que passa a executá-la e assim “contactar outras camadas de seu ser, que lhe indiquem outros caminhos para a resolução de seus problemas [utilizando] a possibilidade polissêmica da música e a espantosa capacidade humana de atribuir muitos sentidos às coisas” (CHAGAS, 2001, p. 120).

São muitas as potencialidades do uso terapêutico da canção, como assinalado por (SÁ, 2006, p. 8)



[...] a canção é terapêutica e potencializa a ação musicoterápica, uma vez que: está presente na cultura e no dia-a-dia do ser humano; promove abertura do canal de comunicação terapêutico; é utilizada pelo cliente como atividade projetiva e receptiva; é proposta pelo musicoterapeuta para acessar o cliente; é apresentada pelo indivíduo para expressão de conteúdos internos; é acolhedora, facilitando a auto-expressão do cliente por meios mais confortáveis.

Ao serem acolhidas em um momento de sofrimento intenso, as participantes dos grupos de Musicoterapia foram convidadas a darem “voz” as suas histórias, suas emoções, seus momentos passados ou vivências atuais por meio de escolhas e execução de canções.

Durante a experiência musical da recriação construiu-se um território seguro para composição das identificações, dos *insights*, de resgate e de relação. A construção desse território é de suma importância para concretização do trabalho terapêutico, assim como o investimento na constituição de um grupo aberto a acolher o “pior e melhor”¹⁰ de cada um. O trabalho em grupo demanda uma condução específica em que há de se valorizar cada repertório surgido ali, carregado com o emocional que é ali manifestado.

¹⁰ Referência a canção “Infinito Particular” – Composição de Arnaldo Antunes com interpretação de Marisa Monte.

As identificações surgiram de diferentes maneiras: identificação com a letra, com a melodia, com o(a) cantor(a), com o(a) compositor(a), com o estilo ou mesmo por serem canções que, como uma trilha sonora, estiveram intimamente ligadas às histórias pessoais. O resgate, em suas diferentes facetas, brotou de sua história, dos momentos intensos das vidas ali cantadas ou o resgate do ser mulher que, por vezes, foi tão silenciado frente ao sofrimento. Neste caso, a música possibilita o “início do reencontro com a própria identidade colocando-o como agente e sujeito da ação, aumentando a percepção de seus próprios sentimentos, emoções e conflitos” (MILLECCO, BRANDÃO, MILLECCO, 2001, p. 88).

Um exemplo de identificação de canção ocorre quando a paciente Linda¹¹ escolhe cantar *What's up?* de 4 Non Blondes. Iniciando com o trecho: “*Twenty-five years and my life is still I’m trying to get up that great big hill of hope for a destination*”.

Linda comenta: “*Tenho 25 anos. Fiz há pouco tempo (...) eu fico chorando por dentro quando o sol cai, e eu to lutando para não me abater...*”. Linda relata que se identifica com a cantora, que, segundo ela, também passou por um internamento em uma instituição psiquiátrica. A paciente toca o violão e canta várias vezes este tema e depois exclama: “*Alivia!*”. Quando questionada sobre como se sente quando toca e canta, Linda responde: “*É uma forma de expressar o que eu to sentindo por dentro sem preconceito. Resumi minha vida inteira em poucos minutos, na letra de uma canção, na canção a gente fala com a alma*”.

Austin (2008) afirma que os momentos mais significativos acontecem quando, em um trabalho musicoterapêutico, o cliente começa a cantar. Sentimentos poderosos, *insights* e memórias surgem e os clientes fazem conexões profundas com eles mesmos.

O interessante no caso de Linda é que embora os sintomas psicóticos no momento dos atendimentos ainda estivessem bem presentes, toda experiência musical vivida no *setting* veio acompanhada de uma construção delirante místico-religiosa como observado na seguinte descrição: “[...] *Madonna, Shakira, Beyonce, no meu banheiro, tava todos eles, eu lavei todos, toda a parede porque em cada cantinho tinha um espírito, vivo ou morto, perturbavam minha mente por isso vim para aqui*”. A despeito da alteração sensoperceptiva, Linda se apropriou de suas canções com muita intensidade, verbalizando: “*como que a vida é bela, como tudo que aconteceu de mal*”.

¹¹ Nome fictício usado para preservar a identidade da paciente.

tem um lado bom, ainda há esperança, a esperança é a música, a única coisa que me faz viver é cantar”.

Neste trabalho, discutimos sobre mulheres que cantam sua própria história e a compartilham. Em algumas sessões, as escolhas musicais foram sendo realizadas livremente, em outros momentos foram ofertadas, algumas pastas com coletânea de canções. A construção de sentidos foi acontecendo durante a experiência musical, sendo verbalizada logo em seguida. Para além do significado das canções, ou seja, o significado explícito da letra, o sentido foi se compondo e sendo narrado pela paciente. Durante o processo de cantar, percebeu-se que ocorria a apropriação e a construção do sentido da canção. Frequentemente a canção era escolhida sem que se tivesse muita clareza da escolha. Entretanto, ao vivenciar a experiência musical, cantando frase a frase, a canção transformava-se na narrativa de algo muito profundo daquela pessoa. Como afirma Barcellos (2009, p. 152) “anterior à compreensão do sentido, é primordial que se entenda que a música é uma forma simbólica e que, por isto, tem o potencial de significar e ressignificar as experiências humanas e de promover a saúde”.

Ao traduzir o sofrimento emocional, a canção traz lembranças, narra histórias, compõe momentos. Alguns conteúdos trazidos em canção representaram experiências muito dolorosas e a melodia e os acontecimentos musicais puderam acolher a narração musicada. Em outros momentos a canção ali resgatou o prazer, o ser, o desejo. Millecco *et alii* (2001, p. 100), afirmam que a escolha da canção não se dá de forma totalmente aleatória, pois “entre as milhares de canções arquivadas em nossa memória, pinçamos apenas uma em determinado tempo/espço. Esta canção lembrada, por vezes, nos remete a situações vividas, nos possibilitando o resgate de um momento passado”.

A canção popular pode ser a metáfora que permitirá a revisão necessária da realidade individual do paciente, que pode recriar a sua história através do investimento imaginário, reescrevendo ou ressignificando aquilo que precisa ser revivido para ser elaborado. Aqui, o real e o ficcional, o verdadeiro e o falso, o representado com o imaginado, o universal e o particular – misturando o ficcional e realidade, separados pela lei do discurso, mas amalgamados no canto – podem estar a serviço da expressão do não-dito, mas sentido. (BARCELLOS, 2009 p. 165)

Numa perspectiva de trabalho interdisciplinar, a musicoterapia pode abrir possibilidade para as mulheres atendidas de um *estar* diferente. O *setting* se compôs

como um local de acolhimento, por vezes descontraído, dando lugar para os tropeços e erros dentro das produções e contribuições musicais. Entre risos e lágrimas, o resgate de temas musicais em paralelo com sua história emocional, foi possibilitando fazer da canção um caminho para expressão e para a construção de sentido, mesmo em momento de profundo sofrimento. As sessões de musicoterapia lançaram mão do uso da voz compreendendo assim, como postulado por Austin (2008), que na musicoterapia a voz é o primeiro instrumento. É com o que nós nascemos, é a voz do próprio corpo. Com a voz nos expressamos, com a voz entoamos nossos sentimentos, com a voz contamos sobre nós mesmos.

Referências

AUSTIN, Diane. **The Theory and Practice of Vocal Psychotherapy – Songs of the Self**. Philadelphia: Jessica Kingsley, 2008.

BARCELLOS, Lia R. M. **A Música como Metáfora em Musicoterapia**. 239 f. Tese (Doutorado em Música). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

BARCELLOS, Lia; SANTOS, Marco Antonio. A Natureza Polissêmica da Música e a Musicoterapia. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Rio de Janeiro, ano 1 – nº 1, p. 5-18, 1996.

BRUSCIA, Kenneth E. **Definindo Musicoterapia**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

GONÇALVES, Alda Martins; SENA, Roseni Rosangela de. Reforma psiquiátrica no Brasil: contextualização e reflexos sobre o cuidado com o doente mental na família. **Revista Latino-am Enfermagem**. São Paulo, março 9(2), p. 48-55, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n2/11514.pdf> . Acesso em: 14 de juho de 2012.

SCHAPIRA, D. *et.al.* **Musicoterapia Abordagem Plurimodal**. Argentina: ADIM Ediciones, 2007.

GARROTE, Maurício S. **Referenciais éticos para implantação de CAPS**. 2008. Disponível em: [http:// capscirandas.blogspot.com](http://capscirandas.blogspot.com) . Acesso em 14 de junho de 2012.

QUEIROZ, Gregório J. P. **Aspectos da musicalidade e da Música de Paul Nordoff e suas implicações na prática clínica musicoterapêutica**. São Paulo: Apontamentos, 2003.

MENEGHEL, Stela. **Histórias de Vida** – notas e reflexões de pesquisa. Athenea Digital, 12, 115-129. Disponível em <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/view/414>. Acesso em 12 de junho de 2012.

MILLECO FILHO, L. A.; BRANDÃO, M. R. E. e MILLECO, R. P. **É preciso Cantar – Musicoterapia, cantos e canções**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

SÁ, Leomara C.(a) **Música e estados de consciência**, 2007. Disponível em http://www.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/musicoterapia/musicoterap_LCSa.pdf. Acesso em 12 de junho de 2012.

SÁ, Leomara C.(b) **Música & autoconsciência: um caminho para o desenvolvimento humano**. In: **Simpósio Nacional sobre Consciência**, Anais... Salvador: Fundação. Ocidemnte, 2007. 1 CD-ROM. Disponível em http://www.conscienciologia.pro.br/artigos_congressos/34.pdf. Acesso em 12 de junho de 2012.

SÁ, Leomara C. **A utilização da canção em musicoterapia como recurso potencializador da ação terapêutica**. In Anais do XII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. Goiânia – GO, 2006.

VIGGIANO, Maria do Socorro Durand. **Trabalho e Subjetividade**. A Musicoterapia como instrumento de inclusão social. Disponível em http://www.fw2.com.br/clientes/artesdecura/revista/musicoterapia/mono_maria_socorro.pdf. Acesso em 12 de junho de 2012.
